



## UMA COLONIALIDADE DO SER: O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?

Andressa Abreu da Silva<sup>1</sup>

Neste ensaio visamos discutir uma pergunta frequentemente feita nas escolas pelos professores e pelos pais de estudantes, a fim de tentar ressaltar a importância da educação formal ofertada nas escolas de Educação Básica. Dessa forma, o problema que move esse estudo é: como o questionamento “o que você quer ser quando crescer?”, feita por pais e professores a jovens estudantes, pode receber influências da colonialidade do ser? Nosso objetivo é versar sobre a pergunta com o entendimento de que essa tem potencial de desencadear processos opressores da constituição do estudante e refletir características da sociedade, como questões de gênero, de raça e de condição econômica, tendo como lente os estudos decoloniais. Para atingir o objetivo proposto e responder ao problema de pesquisa, realizaremos interlocuções teóricas baseadas nos conceitos decoloniais. Entendemos que, embora o colonialismo seja um processo já finalizado, ainda sofremos seus efeitos, a colonialidade. As autoras Couto e Jovino (2022) entendem que a colonialidade do ser vem de uma visão eurocêntrica que perpassa e contamina todas as esferas da vida e da convivência humana na contemporaneidade. Ainda, elas inferem que a organização da sociedade e da academia estão organizadas na base eurocêntrica. Nesse sentido, a colonialidade do ser pode ser entendida como uma limitação, uma opressão ou até mesmo um apagamento de “quem podemos ser, como podemos pensar e agir” (Couto; Jovino, 2022, p. 78). Entendemos que essa forma de colonialidade, a colonialidade do ser, atinge os estudantes que estão na Educação Básica, moldando seus desejos e perspectivas para o futuro. O conceito de linha abissal, de Boaventura de Souza Santos (2007), diz que existem distinções radicais que criam linhas de divisão da realidade social em dois universos distintos, sendo eles o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. Essa divisão gera a invisibilidade do outro lado, tornando-o inexistente. Ainda, essa invisibilidade e inexistência promovem um tipo de prevaletimento de um lado sobre o outro. Inferimos que questionamentos sobre qual a opção de universidade dos estudantes e qual curso desejam realizar, o querer fazer da vida depois do Ensino Médio acontecem desde que os estudantes são crianças, mas são intensificados fase final da vida escolar. Quando os jovens estão nesse processo de escolha, muitas pessoas podem influenciá-los, como pais, professores e familiares, as vezes de forma negativa, quando tentam impor profissões que consideram como boas ou bem sucedidas, tolhendo os desejos dos jovens que devem fazer suas próprias escolhas. Um aspecto que destacamos é a negação do que a criança ou o jovem já é. Analogamente, associamos essa negação do que a criança/jovem à barbárie, definida como negação do outro, menosprezando sua estrutura para consolidar sua dominação sobre ele (Brito, 2013). Essa forma de negação do outro nos faz pensar que podemos ditar a escolha profissional dos jovens. Essas formações geralmente sugeridas (Medicina; Engenharia; Direito), são socialmente ditas como as profissões nas quais a pessoa será bem sucedida, assumindo a ideia de sucesso relacionada com a superioridade em relação a outras profissões. Destacamos que, conforme Strevia (2016, p. 16) “tanto a inferiorização quanto o sentimento de superioridade são construções socioculturais impostas na colonização, que passam a fazer parte da colonialidade do ser mantida após o período colonial”. Portanto, a

<sup>1</sup>Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Educação, pela Universidade de Caxias do Sul, UCS, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista modalidade II da CAPES/CNPq. E-mail: aasilva26@ucs.br

ideia de superioridade seria, por si mesma, uma herança do colonialismo, que ainda é refletida na nossa cultura hoje. Além dessa pré-determinação do que seria uma profissão de sucesso ou não, temos outras pré-determinações, baseadas em gênero, raça e posição social. Inferimos que o conceito de linha abissal se faz presente até mesmo dentro das escolhas de profissões dos estudantes. Isto é, a sociedade entende que existem profissões que são mais apropriadas para homens ou mulheres, além de profissões para brancos e pretos, pobres e ricos. Essas são todas formas de negação, explicitadas pela divisão da linha abissal, que não permite a coexistência nos dois lados da linha (Santos, 2007). Entendemos que é necessário que tenhamos uma visão e abordagem decolonial do conhecimento, da escola e das escolhas profissionais de jovens. Ao longo desse estudo, podemos perceber que questionamentos feitos aos jovens quanto ao seu futuro com determinadas expectativas e, ainda, não percebemos que a resposta geralmente esperada está encharcada em aspectos de uma visão colonial e pré-definida em uma linha imaginária do que é determinado para cada gênero, classe social, etc. Nossa proposta nesse estudo era a de explicitar essas relações com a colonialidade do ser e o pensamento sobre a linha abissal, com as escolhas profissionais que fazemos e que esperamos que os jovens também façam. Sendo assim, buscamos trazer luz à discussão, para que possamos caminhar em direção a uma educação mais humana e decolonial.

**Palavras-chave:** Decolonialidade do ser; Linha Abissal; Escolhas profissionais de jovens.

## REFERÊNCIAS

BRITO, Antonio José Guimarães. **Direito e barbárie no (I) mundo moderno:** a questão do Outro na civilização. Dourados-MS: UFGD, 2013.

COUTO, Ligia Paula; JOVINO, Ione da Silva. Colonialidade do ser. In: MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; SOUSA, Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de (org.). **Suleando conceitos e linguagens:** decolonialidades e epistemologias outras. 1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2022, p. 78 – 83.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos**, n. 79, p. 71-94, nov. 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt#> Acesso em 01 maio 2022.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

STREVA, Juliana Moreira. Colonialidade do ser e Corporalidade: o racismo brasileiro por uma lente descolonial. **Revista Antropolítica**, n. 40, Niterói, p.20-53, 1. sem. 2016. Disponível em <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41776>. Acesso em 01 maio 2022.

## AGRADECIMENTOS:

Gostaríamos de agradecer aqui as instituições que fomentaram o trabalho, sendo elas a CAPES, o CNPq e a Universidade de Caxias do Sul (UCS).